



Obra dramática completa de Natália Correia



Obra dramática completa de Natália Correia

Coordenação, introdução crítica e notas
Armando Nascimento Rosa

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

imprensanacional.pt
loja.incm.pt
facebook.com/ImprensaNacional
instagram.com/imprensanacional.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© Armando Nascimento Rosa
© 2023, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Edição
Susana Arnaud
Revisão

Madalena Alfaia e Diogo Silva
Revisão de edição com a colaboração de Luísa Marques, bibliotecária
da Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa,
e de Paula Costa, do Programa Municipal para o Voluntariado da Amadora

Composição
Magda Macieira Coelho
Impressão
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Fontes tipográficas
Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: setembro de 2023
ISBN: 978-972-27-2594-1
Depósito legal: 431 097/17
Edição n.º 1022021



Fotografia de contracapa gentilmente cedida por Vladimiro Nunes
Armando Nascimento Rosa é investigador integrado do pólo do CIAC na ESTC/IPL

ÍNDICE

NOTA DE ABERTURA.....	9
<i>EROS E PÓLIS, POESIA E UTOPIA:</i>	
UM OLHAR SOBRE A DRAMATURGIA NATALIANA	
[INTRODUÇÃO CRÍTICA DE ARMANDO NASCIMENTO ROSA].....	11
PEÇAS COM A COLABORAÇÃO DE MANUEL DE LIMA	167
SUCUBINA OU A TEORIA DO CHAPÉU.....	169
DOIS REIS E UM SONO	
HÁ GRANDE COMPLICAÇÃO NA CORTE DO MANDRIÃO.....	231
OBRAS DE AUTORIA SINGULAR.....	289
O PROGRESSO DE ÉDIPPO — POEMA DRAMÁTICO.....	291
D. JOÃO E JULIETA.....	311
COMUNICAÇÃO (AUTO DA FEITICEIRA COTOVIA).....	369
A DONZELA QUE VAI À GUERRA.....	391
DOM CARLOS DE ALÉM-MAR.....	427
O HOMÚNCULO — TRAGÉDIA JOCOSA.....	457

A PÉCORA	483
O ENCOBERTO	567
O ROMANCE DE D. GARCIA	
CANTATA CÉNICA.....	629
EM NOME DA PAZ	
ÓPERA EM UM ATO	655
ERROS MEUS, MÁ FORTUNA, AMOR ARDENTE	677
AUTO DO SOLSTÍCIO DO INVERNO.....	793
[FALO-TE DO EXTREMO OCIDENTAL DE UMA EUROPA	
RAPTADA PELO AÇO E PELO CARVÃO]	855



NOTA DE ABERTURA

Publica-se pela primeira vez, no presente volume, o conjunto integral das catorze obras dramáticas, originais e concluídas, de Natália Correia. Duas delas são inéditos absolutos até esta data — *A Donzela Que Vai À Guerra* e *Dom Carlos de Além-Mar* — e três outras, embora tendo conhecido produções cénicas, nunca haviam sido publicadas sob a forma impressa — *Dois Reis e Um Sono*, *O Romance de D. Garcia* e *Auto do Solstício do Inverno*. Refira-se ainda que o libreto da ópera *Em Nome da Paz* nunca fora publicado em livro, estando a sua circulação impressa circunscrita à inclusão do texto no programa do Teatro Nacional de São Carlos, em 1978, aquando da respetiva estreia cénica. Um décimo quinto texto, também inédito, que encerra o volume (identificado pela investigadora Ângela de Almeida no arquivo nataliano) é o único título aqui inserido que a autora não deu por terminado, e corresponde à transcrição do manuscrito de uma obra dramática coral que Natália deixou em rascunho, redigido no ano e nos meses que antecederam a sua morte: *Falo-te do Extremo Ocidental de Uma Europa Raptada pelo Aço e pelo Carvão*.

O alinhamento dos textos dramáticos neste volume segue uma ordem cronológica, privilegiando a sequencialidade dos respetivos tempos da escrita (em dois dos casos, por datação hipotética) e, em segundo lugar, de acordo com o ano de primeira edição (concretizada ou inviabilizada, no caso de *A Pécora*) ou estreia cénica, quando estas tiveram lugar.

Inclui-se nesta edição o poemodrama *Comunicação (Auto da Feiticeira Cotovia)*, publicado em 1959. Agindo em conformidade com o título proposto para o livro que ora se edita, impunha-se reunir este texto com a

restante produção dramatúrgica da autora, não obstante Natália Correia ter integrado *Comunicação* no volume ântumo da sua Poesia Reunida: *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias* (1993). De facto, no devir e no entrecruzamento de géneros literários, adentro da criação nataliana, este é um texto que participa, por suas características intrínsecas, do lírico e do dramático.

Existe uma ligeira exceção, em relação ao critério cronológico adotado, no que diz respeito à afinidade intrínseca que as duas peças iniciais do volume mantêm entre si, o que justifica aparecerem alinhadas em contiguidade: trata-se das peças que Natália escreveu com a colaboração de Manuel de Lima. Apesar de não haver a certeza sobre se *Dois Reis e Um Sono* (estreada em 1958) terá ou não sido composta antes de *O Progresso de Édipo* (publicada em edição da autora, em 1957), faz mais sentido incluí-la na sequência de *Sucubina ou a Teoria do Chapéu*, com a qual forma um díptico de criação dramatúrgica desta parceria autoral.

À exceção do texto manuscrito mencionado, de que se procede aqui a uma primeira transcrição, a fixação dos textos toma como referência as primeiras edições ântumas, nos casos em que existem (e em cotejo com segundas edições ântumas subsequentes, no caso de *O Encoberto* e de *A Pécora*), e reproduz o texto dos datiloscritos integrais das obras inéditas sob a forma impressa, ou que conheceram edições póstumas (casos de *D. João e Julieta* em 1999, e *Sucubina ou a Teoria do Chapéu* em 2013); datiloscritos e manuscrito estes constantes do Arquivo de Natália Correia, ao cuidado da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

ANR

INTRODUÇÃO CRÍTICA

EROS E PÓLIS, POESIA E UTOPIA:

UM OLHAR SOBRE A DRAMATURGIA NATALIANA

*Onde se solta o estrangulado grito
Humaniza-se a vida e sobe o pano.
Chegam aparições dóceis ao rito
Vindas do fosso mais fundo do humano.*

*Ilumina-se a cena e é soberano,
no palco, o real oculto no conflito.
É tragédia? É comédia? É, por engano,
O sequestro de um deus num barro aflito?*

*É o teatro: a magia que descobre
O rosto que a cara do homem cobre;
E refletidos no teu espelho — o ator —*

*Os teus fantasmas levam-te para onde
O tempo puro que te corresponde
Entre horas ardidas está em flor.*

Natália Correia, «Sobe o Pano»
(soneto para as comemorações do Dia Mundial do Teatro, 1993)

Incessantemente reclamado o teatro pela exigência de novas realidades mantiveram-se, mais ou menos visíveis, os pilares que o ergueram: o desafio que o homem lança ao mandado dos deuses ou à ordem constituída que comprime a sua liberdade; e a punição com que as forças divinas ou as autoridades estabelecidas castigam os que põem em causa a sua validade. Oferece assim verosimilhança a ideia de que foi a luta contra a iniquidade que fez nascer a arte dramática.

Natália Correia, «A vingança das Euménides e o teatro atual» (1992)

Nome maior da criação literária de língua portuguesa, Natália Correia (Fajã de Baixo, S. Miguel, 13 de setembro de 1923 — Lisboa, 16 de março de 1993) é uma referência obrigatória na pólis cultural do Portugal novecentista. Militante combativa da palavra e da irreverência poéticas, a versatilidade da sua obra literária reparte-se por uma diversidade profícua de géneros que englobam a narrativa romanesca e o conto, o texto dramático e o libreto operático, o ensaio literário e/ou historiográfico, a crónica e a prosa autobiográfica ou diarística, a ficção infantojuvenil, a intervenção jornalística, a tradução/recriação, o guião televisivo e documental, o discurso parlamentar (foi deputada à Assembleia da República, entre 1979 e 1983, e entre 1987 e 1991) e, impregnando tudo o que escreveu, a poesia nos seus mais diversos registos: desde a experimentação surrealista e a reabilitação da sátira; passando pela reinvenção das estéticas romântica e barroca; até se deter na forma clássica do soneto, para compor o seu literário e xamanístico testamento de autognose, a três anos da morte física (o livro *Sonetos Românticos*, de 1990, que receberia o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores).

Nascida na ilha açoriana de S. Miguel, Natália fixa-se muito jovem em Lisboa, com a mãe e a irmã, trazendo consigo as memórias mágicas do seu espaço natal, uma mente brilhante e irrequieta de autodidata, e uma extraordinária beleza, a um tempo afrodítica e andrógina, que fizeram dela um ícone vivo, incendiador de paixões. Mulher libertária, desafiando os preconceitos dos tempos históricos que atravessou, o segredo do fascínio que emanava parecia porém provir de épocas ancestrais: fosse da

cultura trovadoresca que irradia da luminosa e mártir Provença medieval, por via da heresia neognóstica que aí brotou; fosse de um matriarcado mediterrânico mais remoto e de cepa helénica, mas de um tempo anterior à simbólica derrota das Euménides esquilianas, que fazia dela apóstola mitopoética do politeísmo antigo, responsável pelo nascimento do teatro ocidental. De Natália havia de dizer Henry Miller, quando se conheceram pessoalmente, em 1961: «Foi preciso vir a Portugal para encontrar uma verdadeira pitonisa.» (Dacosta, 2001: 176). Entre a disciplina intuitiva ou cerebral e o excesso dionisiaco de «genial fabricante de sonhos» (Gonçalves dos Santos, 1993: 2), Natália foi musa inspiradora dos outros e de si mesma, além de intérprete e encenadora da *persona* inconfundível e poderosamente teatral que fez sua e deu a ver na esfera pública. É muito significativo, na sua sincronicidade, ter sido através do teatro que Natália literariamente se despediu, visto que o seu último poema poderá bem ter sido o soneto (em epígrafe) que escreveu para o Dia Mundial do Teatro, sob a égide da autarquia lisboeta, em 1993 — a partir de um convite do Sindicato dos Atores, segundo afirma Júlia Lello, a quem Natália lê o poema por telefone, uma semana antes da sua morte (Costa, 2005: 219). Quando o cartaz se espalhou pelas ruas da capital, celebrando o 27 de Março de 1993, a autora já não estava fisicamente entre nós havia dez dias, e seria pela voz da atriz Estrela Novais que o poema nesse dia se difundiu.

Entre 1952 e 1989, Natália Correia produz uma obra dramática que por certo lhe concede o título de audaciosa singularidade entre os dramaturgos da segunda metade do século xx portugueses. Lugar de experimentação híbrida de formas, e não obstante o silenciamento cénico (e também editorial) de que é vítima durante o salazarismo (e não só), o teatro escrito nataliano evolui e viaja por uma multiplicidade de registos genológicos e estéticos com mútuas afinidades: da fábula surrealista, infantojuvenil (*Dois Reis e Um Sono*, 1958) ou adulta (*Sucubina ou a Teoria do Chapéu*, 1952) ao absurdo em sátira política (*O Homúnculo*, 1965); do drama existencial pós-simbolista (*D. João e Julieta*, 1957-58) ao mitodrama filosófico (*O Progresso de Édipo*, 1957); do teatro épico-catártico pós-brechtiano e pós-artaudiano (*A Pécora*, 1967, e *O Encoberto*, 1969) ao teatro histórico-mítico, que colige o *pathos* romântico com o estranhamento da alegoria barroca (*Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*, 1981); do libreto operático sociocrítico ou do texto para cantata cénica (*Em Nome da Paz*, 1978, com música de Álvaro Cassuto; e *O Romance de*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ângela de (2019). *Natália Correia: Um Compromisso com a Humanidade. Ensaio sobre a obra édita e inédita*. Angra do Heroísmo: Direção Regional da Cultura.
- ARTAUD, Antonin (1991). *O Pesa-Nervos*. Tradução de Joaquim Afonso. Lisboa: Hiena Editora.
- BENJAMIN, Walter (2004). *Origem do Drama Trágico Alemão*. Edição e tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim.
- BENTLEY, Eric (1967). *The Playwright as Thinker*. Nova Iorque: Harvest Book/Harcourt, Brace & World, Inc.
- BLOOM, Harold (2002). *Genius. A Mosaic of One Hundred Exemplary Creative Minds*. Nova Iorque: Warner Books.
- BRECHT, Bertolt (2005). *Teatro 3. O voo dos Lindbergh. A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo. O que diz sim. O que diz não. A Decisão. A Santa Joana dos Matadouros. A exceção e a regra. A Mãe*. Introdução de Vera San Payo de Lemos. Traduções de José Maria Vieira Mendes, Jorge Silva Melo, Manuel Resende e Lino Marques. Lisboa: Cotovia.
- BRILHANTE, Maria João (1983). «[Recensão crítica a *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*, de Natália Correia]». In *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas. Maio de 1983, n.º 73. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (pp. 82-83).
- COCTEAU, Jean (1990). «A Cavalo sobre o Real e o Sonho». Tradução de Araújo Pereira. In *Casa de Boneca*, de Henrik Ibsen. Programa do espetáculo encenado por Mário Feliciano. Lisboa: Teatro da Politécnica/ Museu Nacional de História Natural (p. 48).

- CORREIA, Natália (2004). *A Estrela de Cada Um*. Edição de Zetho Cunha Gonçalves. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- [(2019 Ed.)] *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*. Seleção, prefácio e notas de Natália Correia. Ilustrações de Cruzeiro Seixas. 4.^a edição. Lisboa: Ponto de Fuga.
- (2002). *Antologia Poética*. Prefácio de Fernando Pinto do Amaral. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- (2000). *A Ibericidade na Dramaturgia Portuguesa*. Edição de Júlia Lello. Lisboa: Edições Tema.
- (1968). *A Madona*. Lisboa: Editorial Presença.
- (1983). *A Pécora*. Lisboa: Dom Quixote.
- (1990). *A Pécora*. 2.^a edição. Lisboa: Edições O Jornal.
- (1992). «A Vingança das Euménides e o Teatro Atual». In SERÔDIO, Maria Helena (org.). *O Teatro e a Interpelação do Real*. Atas do 11.º Congresso da Associação Internacional de Críticos de Teatro (1990). Lisboa: Colibri, pp. 109-112.
- [(1978 Ed.)]. *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses*. 2.^a edição. Lisboa: Estampa.
- (2005). *Contos Inéditos e Crónicas de Viagem*. Edição de Zetho Cunha Gonçalves. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- (2018). *Descobri Que Era Europeia — Impressões duma Viagem à América*. 3.^a edição revista e aumentada. Introdução e notas de Ângela de Almeida. Lisboa: Ponto de Fuga.
- (1999b). *D. João e Julieta*. Prefácio de Armando Nascimento Rosa. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Autores/D. Quixote.
- (1981). *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*. Lisboa: Afrodite.
- (2015b). *Não Percas a Rosa. Diário e algo mais (25 de abril de 1974 — 20 de dezembro de 1975) / Ó Liberdade, Brancura do Relâmpago. Crónicas (15 de julho de 1974 — 22 de março de 1976)*. Pesquisa e introdução de Ângela de Almeida. Organização e notas de Vladimiro Nunes. Lisboa: Ponto de Fuga.
- (2014). *O Encoberto*. Edição fac-simile da 1.^a edição (Lisboa: Galeria Panorama, 1969). Lisboa: A Bela e o Monstro, Edições.
- (1965). *O Homúnculo. Tragédia jocosa*. Lisboa: Contraponto.
- (2015a). *O Homúnculo. Tragédia jocosa*. 2.^a edição. Nota à edição por Fernando Dacosta. Prefácio de Armando Nascimento Rosa. Edição de Luísa Monteiro. Lisboa: Redil Publicações.

- (1987). *Onde Está o Menino Jesus?* Lisboa: Edições Rolim.
- (1957). *O Progresso de Édipo. Poema Dramático*. Lisboa: Edição de autor.
- (s/d). «Pedem-me que diga algo sobre as devastações que a censura fez na minha obra». Manuscrito inédito (5 pp.). Arquivo de Natália Correia. Ponta Delgada: Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (Ms.D9/3017).
- (1999a). *Poesia Completa. O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*. 2.^a edição. Lisboa: Dom Quixote.
- (1958). *Poesia de Arte e Realismo Poético*. Lisboa: Edição da Autora.
- (1977). «[Sobre] *O Encoberto*». Programa do espetáculo de estreia. Lisboa: Repertório-Cooperativa Portuguesa de Teatro, Teatro Maria Matos.
- (2003). *Somos Todos Hispanos*. 2.^a edição. Nota editorial de Maria Fernanda de Abreu. Lisboa: Editorial Notícias.
- CORREIA, Natália; LIMA, Manuel de (2013). *Sucubina ou a Teoria do Chapéu*. Prefácio de Cristina Marinho. Edição de Ângela de Almeida, Clayton Guimarães e Cristina Marinho. Porto: Casa dos Açores do Norte / CETUP.
- CORREIA, Natália; PERDIGÃO, Madalena; PORTO, Carlos; MOURÃO-FERREIRA, David; et al. (1988). *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*. Programa do espetáculo encenado por Carlos Avilez. Lisboa: Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian/Serviço Acarte.
- COSTA, Ana Paula (2005). *Natália Correia: Fotobiografia*. Lisboa: Dom Quixote.
- DACOSTA, Fernando (2017). *Amália — A Ressurreição*. Alfragide: Casa das Letras.
- (2001). *Nascido no Estado Novo*. Lisboa: Editorial Notícias.
- (2013). *O Botequim da Liberdade*. 4.^a edição. Alfragide: Casa das Letras.
- FERREIRA, João Paulo Martins (2014). «A Nobreza Galego-Portuguesa da Diocese de Tui (915-1381). Teoria e metodologia». In MIRANDA, Flávio; SEQUEIRA, Joana; FARIA, Diogo [coord. (2014)]. *Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2011-12*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Biblioteca Digital (pp. 41-50).
- FIALHO, Maria do Céu (2006). «*O Progresso de Édipo* de Natália Correia: uma reescrita feminina do mito». In *Máthesis*, n.º 15. Viseu: Universidade Católica Portuguesa (pp. 241-255).
- FUEGI, John (1994). «The Zelda syndrome: Brecht and Elisabeth Hauptmann». In THOMSON, Peter; SACKS, Glendyr [Editors (1994)]. *The*

- Cambridge Companion to Brecht*. Cambridge: Cambridge University Press (pp. 104-114).
- GAMEIRO, Odília Alves (2016). *Natália Correia (1923-1993). Memórias Guardadas. Silêncios e ênfases nos arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães*. Ponta Delgada: Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- GARRETT, Almeida (1966). *Obras de Almeida Garrett*. Vol. II. Porto: Lello & Irmão.
- HILLMAN, James (1990). *Anima. Anatomia de Uma Noção Personificada*. Tradução de Lucia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo: Cultrix.
- HOELLER, Stephan (2002). *Gnosticism. New Light on the Ancient Tradition of Inner Knowing*. Wheaton, Illinois: Quest Books.
- JUNG, Carl Gustav (1970). *Civilization in Transition*. Edição e tradução de Gerhard Adler & R.F.C. Hull. 2.^a edição. *The Collected Works of C. G. Jung*. Vol. 10. Princeton: Princeton University Press.
- LAYTON, Bentley (2002). *As Escrituras Gnósticas*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola.
- LELLO, Júlia (1988). «Esboço para uma dramaturgia sobre seis peças de Natália Correia, ou Uma epopeia crítica da Mátria». Dactiloscrito inédito de dissertação final na disciplina de História da Literatura Dramática, apresentada ao Conservatório Nacional/Escola Superior de Teatro e Cinema.
- LOURENÇO, Eduardo (1994). *O Canto do Signo. Existência e Literatura (1957-1993)*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARINHO, Cristina A. M. de (2003). «Jean-Paul Sartre à porta fechada. Uma tradução e representação de *Huis-Clos*, em Portugal». In *Natália Correia, 10 anos depois...* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (pp. 69-81).
- MARQUES, Carlos Vaz (1990). «Chamem-me romântica, se quiserem». In *O Jornal Ilustrado*, 2 de junho de 1990. Lisboa: Edições O Jornal (p. 6).
- MARTINS, Filipa (2023). *O Dever de Deslumbrar. Biografia de Natália Correia*. Lisboa: Contraponto/Bertrand.
- MOLINA, Tirso de (1995). *El Burlador de Sevilla*. Edição de Ignacio Arellano. Madrid: Espasa Calpe.
- MOURÃO, José Augusto (1988). «A sedução do múltiplo. Natália Correia: literatura e paganismo». In *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio. Julho de 1988, n.º 104/105. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (pp. 85-92).

- (1993). «In memoriam Natália Correia (1923-1993)». In *Revista Colóquio/Letras*. In Memoriam. Julho de 1993, n.º 129/130. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (pp. 221-224).
- PATRÍCIO, António (2007). *O Fim. História dramática em dois quadros. / Diálogo na Alhambra*. Edição e posfácio de Armando Nascimento Rosa. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PEREIRA, Silvina (2011). «Jorge Ferreira de Vasconcelos». Verbete In SILVA, Vítor Aguiar e (coord.). *Dicionário de Luís Camões*. Lisboa: Caminho (pp. 945-952).
- PORTO, Carlos (1985). «[Recensão crítica a *A Pécora*, de Natália Correia]». In *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas. Setembro de 1985, n.º 87. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (pp. 98-100).
- REBELLO, Luiz Francisco (1989). *História do Teatro Português*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 4.ª edição revista e aumentada.
- RICARDO, Maria do Céu (2002). *Teatro Maria Matos (1969-2001): 32 anos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Cultura.
- ROSA, Armando Nascimento (2003). *As Máscaras Nigromantes. Uma leitura do teatro escrito de António Patrício*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2005). «Pessoa e a visão gnóstica do Tempo». In *Gnose e Alquimia*. Organização de Maria Estela Guedes (com Armando Nascimento Rosa, Carlos Dugos e Nuno Marques Peiriço). Lisboa: Apenas Livros (pp. 3-46).
- ROSA, Frederico Delgado (2008). *Humberto Delgado. Biografia do General sem Medo*. 2.ª edição. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- SANTOS, Manuela Gonçalves dos (1993). «(Des)Crucificações». In *Jornal Público*, 1 de outubro de 1993. Suplemento *Leituras*. Lisboa: Público Sociedade de Comunicação S. A. (p. 2).
- SANTOS, Maria Emília Brederode; MIGUÉNS, Manuel; ROSAS, Fernando, et al. (2021). *Os Direitos Humanos Hoje: 70 anos da Declaração Universal*. Coleção Seminários e Colóquios. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- SARAMAGO, José (1980). *Que Farei com Este Livro?* Lisboa: Caminho.
- SENA, Jorge de (1994). *O Dogma da Trindade Poética (Rimbaud) e outros Ensaaios*. Porto: Asa.
- SOUSA, Cecília; CORREIA, Álvaro; COUTO, Manuela; WELLENKAMP, Margarida [1998 (orgs.)]. *COMUNA — Teatro de Pesquisa, 25 anos: 1972-1997*. Lisboa: Comuna Teatro de Pesquisa.

- USTINOV, Peter (1957). *Romanoff e Julieta*. Dactiloscrito inédito da tradução portuguesa inconclusa de Natália Correia e Manuel de Lima. Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- VASQUES, Eugénia (1999), «Encontro Final». In *Semanário Expresso*. Suplemento *Cartaz*, 25 de setembro de 1999. Lisboa: Impresa (p. 15).
- (1998). *Jorge de Sena. Uma Ideia de Teatro* (1938-71). Lisboa: Cosmos.
- (2001). *Mulheres Que Escreveram Teatro no Século XX em Portugal*. Lisboa: Colibri.

INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA ADICIONAL

A presente introdução crítica integra, colige, revê, refunde e amplia conteúdos do seguinte conjunto de textos ensaísticos anteriormente publicados pelo autor em torno da obra dramática de Natália Correia, entre 1999 e 2018:

- ROSA, Armando Nascimento (2011). «Arcaica e futura: a dramaturgia de Natália Correia. Uma leitura d'O *Encoberto*». In MARINHO, Cristina; e RIBEIRO, Nuno Pinto (orgs.) *Teatro do Mundo. Tradição e vanguardas: cenas de uma conversa inacabada*. Porto: Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto (pp. 103-114).
- (2015). «Cenas de Salarim». Prefácio a CORREIA, Natália. *O Homúnculo. Tragédia jocosa*. 2.^a edição. Nota à edição de Fernando Dacosta. Edição de Luísa Monteiro. Lisboa: Redil Publicações (pp. 11-18).
- (1999). «D. João e Julieta: Rostos de Narciso». Prefácio a CORREIA, Natália, *D. João e Julieta*. Lisboa: D. Quixote (pp. 7-26). Estudo incluído, originalmente, no caderno-programa do espetáculo *D. João e Julieta*, encenado por João Mota. Lisboa: Comuna-Teatro de Pesquisa em coprodução com o Teatro da Trindade, setembro de 1999 (pp. 9-15).
- (2005). «Eros, História e Utopia: O Teatro de Natália Correia». Versão para o programa do espetáculo *Auto do Solstício do Inverno*, de Natália Correia, encenado por Carlos Avilez. Organização do programa por Fernando Alvarez. Cascais: Teatro Experimental de Cascais, março de 2005 (pp. 9-13).

- (2005). «Eros, História e Utopia: O Teatro de Natália Correia». Versão abreviada in COSTA, Ana Paula. *Fotobiografia de Natália Correia*, Lisboa: D. Quixote (pp. 255-260).
- (2007). «Eros História e Utopia: O teatro de Natália Correia». Versão extensa in *Revista Letras*. Curitiba: Departamento de Literaturas da Universidade Federal do Paraná (Brasil). Edição online e impressa, n.º 71, janeiro-abril (pp. 95-120).
- (2010). «Eros, História e Utopia: O Teatro de Natália». In ABREU, Maria Fernandes; FERNANDES, Margarida; GOULART, Rosa; e MOURÃO José Augusto (orgs.) *Natália Correia: A Festa da Escrita*. Lisboa: Colibri (pp. 137-154).
- (2018). «O sonho a destronar o sono». In Programa do espetáculo *Dois Reis e um Sono*, de Natália Correia e Manuel de Lima, com direção artística de Fernando Jorge Lopes. 50.ª Criação do Teatro Extremo. Almada: Teatro Extremo (p. 3).
- (2007) «Peças breves no teatro escrito de Natália Correia». In *Forma Breve*. Revista de Literatura (anual), n.º 5, Teatro Mínimo. Aveiro: Universidade de Aveiro (pp. 41-53).
- (2011). «Quando Natália invocou Camões para a cena: Nos 30 anos da primeira edição de *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*». In *Revista Triplov de Artes, Religiões e Ciências*. Número especial de homenagem a Ana Luísa Janeira. Edição digital de Maria Estela Guedes. http://www.triplov.com/novaserie.revista/ana_luisa_janeira/armando_nascimento_rosa/index.html
- (2009). «Regresso a Édipo». Prefácio a CORREIA, Natália. *O Progresso de Édipo. Poema Dramático*. 2.ª edição. Edição com a colaboração de Luísa Marques. Coleção Dramaturgos Portugueses Contemporâneos. Amadora: Departamento de Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema/CIAC — Centro de Investigação em Artes e Comunicação (pp. 3-15).
- (2015). «Ritos cénicos de justiça em *Auto do Solstício do Inverno*, de Natália Correia». In MARINHO, Cristina; e RIBEIRO, Nuno Pinto (orgs.). *Teatro do Mundo. Direito e Representação / Law and Performance*. Volume 10. Porto: CETUP/Universidade do Porto (pp. 165-180).
- (2006). «Rostos de Narciso. Sobre *D. João e Julieta*, de Natália Correia». In *Revista Triplov*. Edição digital de Maria Estela Guedes e José Augusto

- Mourão. http://www.triplov.com/teatro/armando_nascimento_rosa/Rostos-de-Narciso/rostos.html
- (2007). «Teatro: A Escrita Intensa». I Encontro de Teatro Ibérico — Natália Correia / 2003 (Cendrev e Instituto Internacional del Teatro del Mediterráneo). In Revista *Adágio*, n.º 42. Évora: Centro Dramático de Évora (pp. 69-75).
 - (2010). «Uma Parábola na Terra com Diabos Celestes — *Sucubina ou a Teoria do Chapéu*, de Natália Correia com Manuel de Lima». In Revista *Triplov de Artes, Religiões e Ciências*. Nova série, n.ºs 8-9. Edição digital de Maria Estela Guedes. http://novaserie.revista.triplov.com/numero_08/armando_nascimento_rosa/index.html





*Peças com a colaboração
de Manuel de Lima*

SUCUBINA OU A TEORIA DO CHAPÉU

PERSONAGENS

SÚCUBO
SUCUBINA

DEODATA
BRIOLANJA

SATÃ
INSPETOR

LÚCIFER
LUCIFERRO

SATANAZ
SANTANAZO

FLORINDO
QUERUBIM DE NASCIMENTO

PRIMEIRO ATO

Da madrugada à claridade da manhã.

A praça principal da capital do Estado mais pequeno da Europa.

Uma madrugada com a transparência e a profundidade das alvoradas meridionais.

Ao fundo, uma catedral que pode passar por um modelo reduzido, um relógio luminoso bate, com precisão e nitidez, as horas, as meias horas e os quartos de hora, por um sistema de imagens.

PRÓLOGO

A AÇÃO PASSA-SE NO INFERNO.

Uma vasta sala sem mobiliário a não ser um cravo cujo respetivo banco é um velocípede. No fundo, ao centro, uma janela. De cada um dos lados desta janela partem duas escadarias que se perdem no infinito. Quando o pano sobe, SÚCUBO está junto da janela. Enverga uma «malha» preta que lhe dá o aspecto de sombra. Tem uma ave negra na mão. SATĀ executa no cravo uma música barroca. SÚCUBO beija a ave no bico, dá-lhe liberdade e aplaude com entusiasmo.

SÚCUBO (batendo palmas) Bravo! Bravo! Bravo! Muito bem.

SATĀ (pára e vai para ela encantado) Gostaste assim tanto?

SÚCUBO Nunca gostei menos. É cada vez pior.

SATĀ Mas continuas a aplaudir-me?

SÚCUBO É a única maneira de te fazer parar.

SATÃ Ah! É isso? Dás-me uma boa razão para que eu não desista de tocar.

SÚCUBO Eu sei... Interessa-te acreditar mais nos meus aplausos do que na minha opinião.

SATÃ Ora aí está. A tua opinião é uma consequência da minha opinião, enquanto os teus aplausos são um som agradável aos meus ouvidos. Não te esqueças que és...

SÚCUBO (*interrompendo exaltada*) Já sei... Sou um súcubo.

SATÃ Mas às vezes parece que te esqueces disso. Se eu não soubesse as vantagens que tu tens em ser eterna diria que não estás satisfeita com a tua condição.

SÚCUBO É o cúmulo! Satisfeita! Vais ouvir o que há muito tempo tenho guardado para te dizer. Vocês como diabos já estão muito vistos. Tu que estás aí a querer-me convencer de que o meu único mérito é ser uma invenção tua, já esgotaste todos os recursos. Já foste violinista, já andaste de chocalho com uma manta, até já apanhaste borboletas. E depois de tantos disfarces foste forçado a reconhecer que para seduzir os homens não lhes poderias dar nada de novo. Tiveste de criar uma forma de mulher. Realizaste-me. Em suma: caíste num lugar comum.

SATÃ Era preciso para perverter uns certos senhores sem imaginação.

SÚCUBO Isso é lá contigo e com o teu comércio. O que me revolta é não tirar nenhum proveito das regalias que tenho.

SATÃ Achas pouco? És a única que pode sair daqui.

SÚCUBO De que é que isso me serve? Não passo de uma aparência. Uma nuvem é mais densa do que eu. Logo que cumprio a missão de que tu me incumbes, logo que a minha presença «no-lá-fora» deixa de ser necessária, tu carregas no botão deste meu maldito mecanismo e «psst»... Cá estou de novo... Eterna! De que me serve a mim essa eternidade?

SATÃ A ti? De nada. Mas tu não estás em condições de ter exigências. Só te compete aceitar as vantagens da situação que eu te criei.

SÚCUBO E supõe que eu descobri outras vantagens!?

SATÃ Descobrir? Minha querida, se eu quisesse, com um simples gesto meu a tua voz apagava-se. Nunca te esqueças disto: tu não existes.

SÚCUBO Então porque é que ouves o que eu digo?

SATĀ Já te expliquei isso tantas vezes. Quantas vezes te demonstrei que a tua eternidade é uma força que me convém a mim.

SÚCUBO Para me piores a funcionar à medida dos teus desejos e dos teus apetites de ocasião.

SATĀ É a tua razão de existires. Não procures outra porque não vale a pena. Repara: se fosse a tua consciência que falasse pela tua boca o que é que acontecia? Tinha que ouvir muitas coisas que não me interessava ouvir. A tua presença nunca me poderia satisfazer totalmente. Assim, lançando a minha própria consciência no teu vazio...

SÚCUBO O que é que acontece?

SATĀ Acontece que nunca poderemos estar em desacordo.

SÚCUBO Tu tens medo do desacordo?

SATĀ Medo! Eu não admito o desacordo.

SÚCUBO (*com ironia*) És na verdade muito forte...

SATĀ Acabas sempre por reconhecer isso.

SÚCUBO (*acentuando a ironia*) Julgas-te na verdade muito forte. Mas porque é que sendo assim tão forte não és capaz de me dar a única coisa que eu te peço?

SATĀ Um chapéu! (*Encaminha-se exaltado para o cravo e toca com raiva um acorde*) julgas que o teu chapéu vale mais do que isto?

SÚCUBO Julgo... tanto mais que tu não és capaz de mo dar.

SATĀ Eu sou capaz de tudo. Mas há uma razão muito forte para não te dar esse chapéu.

SÚCUBO Qual é?

SATĀ É que esse chapéu não te fica bem.

Ouvem-se gargalhadas que se aproximam. Entra LÚCIFER.

LÚCIFER O mais engraçado é que não é a primeira vez que isto acontece... Já é mania.

SATĀ De que é que se trata?

LÚCIFER Trata-se do Satanás que continua com a mesma exigência.

SATĀ Mas já se lhe explicou que ele não tem direito a essa exigência.

LÚCIFER Foi o que nós lhe mandámos dizer. Mas ele respondeu que desta vez era impossível ser ele a carregá-la. Diz que está cada vez mais pesada.

